

Imagens de Nietzsche na vida intelectual brasileira (c. 1890-1950)

Piero Detoni

Pós-doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Resumo

O presente texto aborda as imagens de Nietzsche na vida intelectual brasileira (c. 1890-1950), buscando montar os horizontes autorais atribuídos ao filósofo. Nesse sentido, essas imagens aparecem permeadas por tensões e por disputas em torno do legado intelectual do filósofo, por onde se pode apreender a formação de regimes de apropriação. A crítica é clara sobre o caráter conflitivo que envolve as recepções de Nietzsche no país, multiplicando-se o alcance das suas imagens, o que implica no desenho de toda uma arqueologia em que se pode ler (e reconhecer) lugares-comuns de discussão em torno de determinado assunto ou tema, havendo, com isso, o estabelecimento de uma espécie de inventário de percepções que conformam e delineiam o que se pode chamar de públicos leitores.

Palavras-chave Recepções – Friedrich Nietzsche – Figuras autorais – Arqueologia – Imagens.

Submissão

03/04/2025

Aprovação

21/07/2025

Publicação

01/10/2025

Images of Nietzsche in Brazilian Intellectual Life (c. 1890-1950)

Abstract

This text addresses the images of Nietzsche in Brazilian intellectual life (c. 1890-1950), seeking to assemble the authorial horizons attributed to the philosopher. In this sense, these images appear permeated by tensions and disputes around the philosopher's intellectual legacy, through which the formation of regimes of appropriation can be apprehended. The critique is clear about the conflicting nature of Nietzsche's receptions in the country, multiplying the scope of his images, which implies the design of a whole archaeology in which one can read (and recognize) common places of discussion around a certain subject or theme, thus establishing a kind of inventory of perceptions that shape and outline what can be called readerships.

Keywords Receptions – Friedrich Nietzsche – Authorial figures – Archeology – Images.

Imágenes de Nietzsche en la vida intelectual brasileña (c. 1890-1950)

Resumen

Este texto aborda las imágenes de Nietzsche en la vida intelectual brasileña (c. 1890-1950), buscando ensamblar los horizontes autorales atribuidos al filósofo. En este sentido, esas imágenes aparecen permeadas por tensiones y disputas en torno al legado intelectual del filósofo, a través de las cuales se puede aprehender la formación de regímenes de apropiación. La crítica es clara sobre el carácter conflictivo de las recepciones de Nietzsche en Brasil, multiplicando el alcance de sus imágenes, lo que implica el diseño de toda una arqueología en la que se pueden leer (y reconocer) lugares comunes de discusión en torno a un determinado asunto o tema, estableciendo así una especie de inventario de percepciones que conforman y delinear lo que puede llamarse lectorados.

Palabras clave Recepciones – Friedrich Nietzsche – Figuras autorales – Arqueología – Imágenes.

Introdução

O impacto do pensamento de Friedrich Nietzsche na vida intelectual brasileira apresenta-se amplo e complexo, extrapolando a Filosofia. A dificuldade em rastrear a totalidade da sua recepção e os múltiplos diálogos que com ela se estabelecem impedem uma análise simplificada. A sua presença junto aos contextos locais turva a visão, complicando o estabelecimento de parâmetros e protocolos de discernimento, de crítica e de compreensão diante dos distintos diálogos transversais que compõem com o filósofo, o que aponta para a ampla ressonância das suas ideias, não remontadas historicamente a partir de quadros fixos.

Este estudo propõe-se a investigar a conformação das imagens autorais de Nietzsche no Brasil do final do século XIX avançando até a primeira metade do século seguinte. Para tanto, será adotada uma abordagem metodológica derivada da História Cultural, com ênfase nos estudos de recepção. As fontes trabalhadas, compostas por artigos de periódicos, ensaios, críticas literárias e correspondências da época, serão examinadas a partir de três eixos analíticos interligados: os discursos que constroem e disputam a imagem de Nietzsche, os modos de apropriação e instrumentalização das suas ideias por diferentes grupos intelectuais e as controvérsias e tensões inerentes a essa recepção. A pesquisa será então montada a partir de três movimentos principais: o primeiro abordará a emergência das primeiras imagens de Nietzsche nos contextos brasileiros; o segundo dedicar-se-á ao exame das disputas e das polarizações em torno da sua obra; e o terceiro, investigará as conexões entre a sua imagem autoral e as apropriações propriamente sociais e políticas do seu pensamento. Os critérios de associação das fontes baseiam-se na recorrência de menções ao filósofo, na profundidade da discussão das suas ideias e na representatividade dos autores e veículos de publicação no contexto cultural do período.

Rodrigo Turin indica, adequadamente aos propósitos desta reflexão, que “o nome, tornado objeto não se apresenta mais como um simples substantivo próprio: é elevado à dignidade de um patrimônio coletivo”.¹ Levando em consideração motivações, interesses e paixões, presentes nas autonomias disciplinares e no cotidiano social, o nome de Nietzsche empresta uma maleável disposição de sentidos para aqueles que investigam experiências intelectuais a ele enredadas. Por essa razão perguntamos: o seu

¹ TURIN, R. *Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvia Romero e a experiência historiográfica oitocentista*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. p. 1.

nome pode, como questionam Michel Foucault² e François Hartog,³ ser remontado como um substantivo próprio ou ele se perde nas camadas discursivas que lhe emprestam sentido? Pouco praticável seria tomá-lo apenas como um nome próprio ligado a um indivíduo, na medida em que os leitores e as leitoras da cena nacional associam muitos tipos de descrições a ele, organizando, agrupando e criando diferentes discursividades e ganhando funcionalidades específicas por ser um dos autores mais conhecidos no país. Recobrar o nome de Nietzsche apenas como substantivo implicaria, pois, crer que, além do nome, ele portaria “alguma substância imanente pela qual poderíamos referenciar nossa ilusão de reconhecimento: sim, é ele! Lá está ele em sua pureza original”.⁴

O nome de Nietzsche

O nome de Nietzsche, como lembrado por Scarlett Marton, está associado a uma filosofia que pensa a “golpes de martelo”, capaz de desafiar normas e de derrubar ídolos. Os efeitos dessa imagem são capazes de explicar as controvérsias em que esteve envolvido, sendo considerado polêmico e controvertido nos debates filosóficos no país. Para a estudiosa, Nietzsche sugere novos modos de pensar, de agir e de sentir, desestabilizando “nossa lógica, nosso modo habitual de pensar, quando tenta implodir os dualismos, fazendo ver que, ao contrário do que julgamos, a verdade não é necessariamente o oposto do erro”.⁵

Seu nome desafia formas de pensamento normatizadas e naturalizadas, questionando os valores em vigor, sugerindo que “o bem nem sempre contribui para o prosperar da humanidade e o mal, para a sua degeneração”.⁶ Ele agrupa diferentes discursos e visões do real, sempre em tensão e disputa. Está associado à imagem do provocador, capaz de questionar os modos de compreender o mundo, como na religião e na moralidade, onde destaca que “nós seres humanos, nada teríamos de divino”.⁷ Os efeitos dessa disposição vêm de longe e estão presentes em suas primeiras recepções

2 FOUCAULT, M. “O que é um autor?”. FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

3 HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

4 TURIN, R. *Narrar o passado, projetar o futuro: Silvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. p. 1.

5 MARTON, S. “Nietzsche, filósofo da suspeita”. *A terra é redonda*, São Paulo, 29 mar. 2024. p. 1.

6 MARTON, S. “Nietzsche, filósofo da suspeita”. *A terra é redonda*, São Paulo, 29 mar. 2024. p. 1.

7 MARTON, S. “Nietzsche, filósofo da suspeita”. *A terra é redonda*, São Paulo, 29 mar. 2024. p. 1.

brasileiras. Nietzsche é percebido como um contendedor de respeito, sendo associado ou combatido, parcial ou integralmente. Como *filósofo da suspeita*, na conhecida definição de Paul Ricoeur, o seu nome, por gerações de leitores, esteve ao lado do rompimento das convicções estáveis. Por isso a sua obra também foi objeto de descrédito, de distorção e de deturpação, situação apreendida em diferentes contextos de recepção, como no brasileiro.

Diferentes disposições político-intelectuais se apropriam do seu nome e reflexões: anarquistas, positivistas, socialistas, darwinistas sociais, modernistas, católicos, liberais, conservadores, progressistas, além dos extremismos eugenistas, racistas, antisemitas e fascistas. O caráter dos seus escritos, tidos como assistemáticos e paradoxais na forma e no conteúdo devido ao uso de aforismos e capítulos que não compõem tratados, por vezes valorizados pela dimensão poética, parecia pouco afeito a alguma forma de organização esquemática. Essas características fizeram com que a Filosofia associada a seu nome se deslocasse por diferentes autonomias disciplinares, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, o Direito, a Ciência Política e a Crítica Literária, cumprindo a sua imagem autoral funções de organização discursiva e de arranjo junto a *regimes de apropriação* específicos. Suas ideias permeiam a imaginação literária, o pensamento político e a historiografia a partir de ensaios, de romances, de crônicas, de novelas, de compêndios, de poemas, de aforismos e de manifestos. Os itinerários percorridos por seu nome apontam que:

Pensadores e literatos, jornalistas e homens políticos terão nele um ponto de referência, atacando ou defendendo suas ideias, reivindicando ou exorcizando seu pensamento. Dessa perspectiva, quem julgou compreendê-lo equivocou-se a seu respeito; quem não o compreendeu julgou-o equivocado.⁸

Relacionaremos, então, o tema da autoria nietzschiana com os efeitos da imagem do seu nome. O nome de um autor está atrelado à emergência de certo conjunto de discursos e vincula-se, pois, ao status destes no interior de uma sociedade ou cultura.⁹ A imagem autoral de Nietzsche não se localiza no estado civil do seu nome e na ficção da totalidade da sua obra, mas, pelo contrário, está presente nos regimes de apropriação que são instituídos por certos grupos de discurso, por onde vemos os seus efeitos ou o seu singular modo de agência.¹⁰ Há algo, em meio a esse processo, de “apropriação

8 MARTON, S. “Nietzsche, filósofo da suspeita”. *A terra é redonda*, São Paulo, 29 mar. 2024. p. 1.

9 FOUCAULT, M. “O que é um autor?”. FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 274.

10 FOUCAULT, M. “O que é um autor?”. FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 274.

penal” na configuração da função autoral nietzschiana no Brasil, seguindo esta explicação:

Os textos, os livros, os discursos começaram a ter realmente autores (diferentes dos personagens míticos, diferentes das grandes figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor podia ser punido, ou seja, na medida em que os discursos podiam ser transgressores.¹¹

Um ângulo significativo por onde se tensionam-se as funções autorais a ele atribuídas.¹² Mas o seu nome como autor não é solitário junto às discursividades que com ele dialoga. A imagem autoral nietzschiana nos planos discursivos em que habita assegura funções classificatórias, agrupando e ordenando textos e reflexões, não implicando ausência de conflitos. Também parece capaz de relacionar textos entre si, movimentando-se por discursividades que estabelecem agrupamentos temáticos e de filiação, autenticando-se uns pelos outros, explicando-se reciprocamente, utilizando-se concomitantemente, formando um *corpus discursivo* ou um *arquivo de enunciados*.

As imagens montadas acerca da sua autoria ecoam nas avaliações sobre os modos como a sua filosofia foi consumida e organizam as direções da percepção acerca da sua difusão no Brasil, tendo em vista que José Veríssimo¹³ e Enrique Almarza¹⁴ a consideram na *moda*, implicando mais do que a demonstração da sua forte presença nos contextos nacionais, mas uma preocupação de como o filósofo foi apreendido por seus leitores, considerados numerosos. Constatam-se na crítica variações controversas nas recepções, onde alguém como o anarquista Fábio Luz¹⁵ argumenta serem as suas ideias “coisas exóticas” ou “novidades literárias” ao passo que um autor anônimo fala de “mistura de otimismo e pessimismo”.¹⁶ Miguel Mello¹⁷ sugere que Nietzsche impressiona “o mundo inteiro”, corroborando com o argumento acerca da sua ampla presença entre as comunidades leitoras locais. Manoel de Souza Pinto,¹⁸ ao também se ocupar com os sentidos da difusão da sua imagem, percebe a existência de “vários nietzsches” em

11 FOUCAULT, M. “O que é um autor?”. FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 274-275.

12 CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa oficial: UNESP, 1998.

13 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1903.

14 ALMARZA, E. P. “O Super-homem”. *A República de Curitiba*, Curitiba, 24 dez. 1908.

15 LUZ, F. “Elysio de Carvalho”. *Almanaque Garnier*. Rio de Janeiro, p. 295-296, 1907.

16 ANÔNIMO. “Frederico Nietzsche”. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 1, 25 set. 1900.

17 MELLO, M. “Cartas de um solidário”. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 fev. 1901.

18 PINTO, M. S. “O filósofo errante”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 jan. 1910.

“Frederico Nietzsche”, isto é, o crítico sugere, de alguma maneira, a existência de variações e de tensões nessas recepções, em que antagonismos de leitura parecem evidentes.

A conformação das imagens autorais nietzschianas no Brasil revela um panorama complexo, caracterizado por sentidos conflitivos e francamente em disputa. Além da identificação de lugares-comuns, pode-se dizer que as ideias, as categorias e os conceitos atribuídos a Nietzsche foram instrumentalizados tanto para a compreensão do contexto brasileiro quanto para a análise de fenômenos internacionais. Desde que foi mencionado por Tobias Barreto em 1876, o seu nome é mobilizado em diferentes circunstâncias, tendo ocorrido na década final do Oitocentos confrontos pelo entendimento de suas ideias, bem como alguns artigos dedicados ao seu pensamento, embora a sua presença fosse mais recorrente como recurso de persuasão retórica próprio a um sistema intelectual auditivo,¹⁹ onde foi instrumentalizado em contendas e polêmicas por opiniões intelectuais, fator que resulta em um movimento de recepção muito polarizado, emergindo dele caracterizações positivas e negativas que se intensificaram ainda mais quando passam a invocar a sua biografia.²⁰ Nietzsche torna-se cada vez mais conhecido e, no início do século, sendo considerado um autor da moda, assim como Liev Tolstói, Fiódor Dostoiévski, Oscar Wilde, Anatole France, Émile Zola e outros.²¹

A modernidade local foi interpretada à luz do arcabouço filosófico nietzschiano. Biografemas foram inferidos a partir de elementos presentes em suas obras, ensaios interpretativos se valeram de suas teorizações, estudos literários e críticos incorporaram o seu vocabulário, enredos romanescos dialogaram com as suas ideias, a poesia buscou inspiração em seus temas e as ciências sociais racializadas apropriaram-se dos seus conceitos. Nietzsche, ou melhor, as imagens montadas acerca da sua autoria, tornou-se presente em diversas esferas, desde sensibilidades estéticas até regimes de saber e posições políticas. Sua obra, no entanto, não foi assimilada de forma homogênea, mas,

19 Cf. CARVALHO, J. M. “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 123-152, 2000; LIMA, L. C. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: F. Alvez, 1981.

20 Os leitores e as leitoras podem verificar outros desdobramentos referentes às primeiras leituras de Nietzsche no Brasil através dos seguintes artigos, que ampliam o entendimento acerca da historiografia da sua recepção local: DIAS, G. “Nietzsche, intérprete do Brasil?” A recepção da filosofia nietzschiana na imprensa carioca e paulistana no final do século XIX e início do XX”. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 1, n. 35, p. 89-107, 2014; LOMEU, A. V. “Um Nietzsche à brasileira: intelectuais receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940)”. *Revista de Teoria da História*, ano 5, n. 9, p. 178-196, jul. 2013; PANTUZZI, T. L. “O alleanismo em Recife e a primeira recepção de Nietzsche no Brasil”. *Cadernos Nietzsche*, Guarulhos, v. 40, n. 1, p. 160-192, 2019; ROTA, A. R.; DETONI, P. “Itinerários de história digital: o caso Nietzsche através da heurística computacional (c. 1870-1940)”. *Revista de Teoria da História*, v. 27, n. 1, p. 51-85, 2024; RUBIRA, L. “Nietzsche na imprensa brasileira do século XIX”. *Estudos Nietzsche*, v. 15, p. 70-92, 2024.

21 BROCA, B. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

sim, através de uma fragmentação que gerou uma grande multiplicidade de imagens atribuídas a ele. Intelectuais apropriaram-se de certos elementos enquanto rejeitaram outros, e as posições dos leitores oscilaram ao longo do tempo, com adesões e recusas coexistindo em um mesmo texto. Os intelectuais brasileiros imprimiram sentidos não lineares às suas leituras daquele então famoso solitário de Sils-Maria, conscientes da variedade de perspectivas existentes. Essa dinâmica permitiu-lhes utilizar a filosofia nietzschiana para defender as suas próprias ideias e construir imagens de si mesmos como intérpretes autorizados, moldando as suas concepções de sociedade, cultura e política.

Montando o campo: as primeiras imagens autorais de Nietzsche no Brasil

Leopoldo de Freitas possui uma visão positiva sobre as imagens de Nietzsche e a sua obra, demonstrando um franco interesse em divulgá-la na vida letrada brasileira finissecular. Em um texto de 1899, o autor testemunha o forte fascínio pelo pensamento nietzschiano na Europa, ecoando a recepção alemã, onde observa um grande entusiasmo. A referência para Freitas nesse artigo é Teodor de Wyzewa. Embora a recepção alemã de Nietzsche também não tenha sido isenta de controvérsias, esse artigo de crítica destaca a presença das suas ideias na universidade, na literatura, na música e na política. Apesar de não especificar os sentidos dessas apropriações, Leopoldo de Freitas considera estes motivos para a sua popularização no Brasil:

O nome do escrito de Humano, muito humano! goza de grande fama em toda a Europa; diz dos seus admiradores que ‘a influência dos seus escritos se faz sentir no Triunfo de la morte de G d’Annunzio, nos recentes dramas de Ibsen e em algumas obras dos romancistas da Rússia’.²²

Freitas também compila citações de Nietzsche, reforçando o caráter fragmentado da difusão da sua imagem no Brasil. Lugares-comuns são, nesse sentido, mobilizados para descrever a filosofia nietzschiana, destacando que o autor é considerado, em suas palavras, “um dos maiores pensadores alemães do século”.²³ Essas considerações podem ter motivado o empenho do colunista em torná-lo, de algum modo, conhecido como pessimista como Schopenhauer, revolucionário moral como Tolstói, original como Ibsen. Nietzsche é entendido, em suas palavras, como pouco alemão. Seu estilo é nítido

22 FREITAS, L. “Um filósofo”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 out. 1899.

23 FREITAS, L. “Um filósofo”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 out. 1899.

e plástico, com “beleza nas imagens”, um aspecto relevante, considerando que o estilo aforístico do filósofo foi discutido por gerações, reforçando a sua importância nas culturas intelectuais. Escritores de diferentes vertentes do racismo e do eugenismo, como Pompeyo Gener e Max Nordau, oferecem a Leopoldo de Freitas a moldura para enquadrar a suposta degeneração psíquica do filósofo, argumentos que se repetem por décadas. Também encontramos enquadramentos de fisionomia, de temperamento, de caráter e de moral sob lentes deterministas taxonômicas: “Pelo nascimento pertencia ao reino de Saxe, mas de fisionomia, temperamento e caráter era inteiramente eslavo; no físico e no moral parecia-se com esses extraordinários tipos niilistas criados por Ivan Tourgueniev e por Goutharouf nos seus romances sociais”.²⁴ Os leitores de *O Paiz* são informados, através do comentário de Freitas, sobre os estudos nietzschianos acerca do mundo grego, que embora sem aprofundamento, eram importantes para essas primeiras recepções.

Outros dois elementos são relevantes nessa leitura em tela: o anúncio das conexões de Nietzsche com a cultura francesa, o que não deve ser desprezado em termos de popularização do seu nome no Brasil, dada a intensa francofilia²⁵ no contexto da chamada *Belle Époque*, bem como, ainda nesse sentido, o reconhecimento da importância de germanistas franceses nos estudos sobre o autor, com destaque para seu tradutor Henry Albert.²⁶ É narrada, além disso, a relação pessoal e intelectual entre Nietzsche e Richard Wagner, embora não seja mencionado o afastamento progressivo realizado pelo primeiro, um fator decisivo, cabe destacar, junto ao desenvolvimento das suas reflexões filosóficas, o que parece conveniente para Freitas, uma vez que o articulista de certa forma idealiza a música e o pensamento wagneriano neste texto.

Esse comentário crítico, além de apresentar as suas impressões sobre a filosofia nietzschiana, também se preocupa em revisar alguns modos de leitura do autor disponíveis à época, implicando, assim, eleger critérios de análise, positivar leituras e hierarquizar prioridades que considera importantes para que esse pensamento possa então ser assimilado. É uma espécie de “leitura das leituras”, assemelhando-se com uma “crítica filosófica”, gênero que contribui para a formação das imagens sobre a autoria nietzschiana no Brasil, replicando-se em discursos que sedimentam recortes sobre o seu

24 FREITAS, L. “Um filósofo”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 16 out. 1899.

25 BARROSO, A. V. L. *Um Nietzsche à brasileira: uma leitura do pensamento nietzschiano no modernismo (1890-1940)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

26 DIAS, G. P. *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

pensamento, algo decisivo para que haja o confronto de posições, que pode aparecer sob nuances ou sob rupturas inconciliáveis.

José Veríssimo tece algumas vezes considerações sobre Nietzsche, seja por meio de análises estritamente voltadas para ao seu pensamento, seja através de estudos sobre as leituras que foram feitas sobre ele. Focamos, por ora, essa disposição a partir do texto “Um Nietzsche diferente”, de 1903, que veio à luz no *Almanaque Garnier*. Seu parecer sobre a “moda” nietzschiana entre as comunidades leitoras brasileiras tem uma explicação geral, qual seja, a popularidade das suas ideias, em termos de aceitação ou de recusa, deriva do fato de elas lidarem e movimentarem o que o crítico literário denomina de “filosofias pessoais”, expressão atribuída “modernamente” pelos intelectuais, e que envolve o debate sobre o “individualismo”, o “egoísmo” e o “pessimismo”. A partir desse âmbito que Veríssimo analisa a filosofia nietzschiana, sustentando haver uma escalada de conflitos de interpretação em razão de variações de “temperamento” e de “sentimentos”. Diante desse horizonte de múltiplas recepções de Nietzsche, certificado pelo crítico paraense por conta daquelas ideias despertarem reações bastante íntimas nos leitores e nas leitoras, desestabilizando suas posições intelectuais, a situação movimenta-se para uma tendência de “anarquismo mental e sentimental”. José Veríssimo acredita que as recepções afirmativas ou negativas do filósofo alemão, entre os círculos de leitura locais, resultam desses efeitos perlocutórios, que são os responsáveis por diferentes modos de interesse com relação ao pensamento do autor de *Assim falou Zaratustra*. Nietzsche, o “filósofo poeta” conforme essa recepção específica, desafia os seus leitores por parecer a eles que a tudo queria destruir para que fosse possível a emergência de algo novo, o que causa diferentes reações e populariza o que se entende serem as suas imagens no Brasil. A crítica aos valores morais ocidentalizados teria sido, por exemplo, um centro irradiador de intensas discussões fracamente conflitivas, marcando, assim, o tom da sua recepção local.

O crítico literário não se furta de assinalar que a “moda” nietzschiana tem muito a ver com certa carga de “elitismo” e “aristocratismo” dos intelectuais brasileiros. Em seu entender, esses atores passaram a julgar os posicionamentos alheios como inferiores e até mesmo desprezíveis, invalidando outras perspectivas e produzindo uma espécie de sectarismo que, em muitos sentidos, satisfaz as suas vaidades e supostas pretensões como estetas. Veríssimo realiza um trabalho de análise da recepção de Nietzsche no Brasil, revelando experiências de leitura próprias ao início do século XX. Seus argumentos nos permitem perceber não apenas os sentidos atribuídos às ideias do filósofo por meio de textos, mas como elas moldam um tipo de *ethos* intelectual, que o autor sugere ser parte do clima da *Belle Époque*. Veríssimo acredita que a popularidade

de Nietzsche não se deve apenas ao conteúdo das suas ideias, mas também à forma como elas são apropriadas e utilizadas pelos intelectuais. A “moda” nietzschiana seria um reflexo do elitismo e do desejo de distinção que permeavam os círculos intelectuais da época. Ao criticar o dogmatismo sectário dos intelectuais brasileiros, Veríssimo aponta para um problema que era relevante à época: a tendência de se utilizar o pensamento de um autor para validar posições pessoais e desqualificar o debate. A análise de José Veríssimo não se limita, portanto, a descrever e acompanhar a recepção brasileira de Nietzsche, mas também nos convida a refletir sobre os usos e abusos da sua filosofia naqueles contextos intelectuais.

Era uma filosofia para refinados, ou que se tem por tal, que, conforme o seu coração seco, a sua inteligência de egoístas e gozadores, dividia o mundo em senhores e escravos, em fortes e fracos, que fazia da produção dos grandes homens (quais são eles?) o fim único da existência do mundo, que condenava as nossas vulgares concepções de virtude, do bem, do amor, que endeusava, enfim, o egoísmo, a dureza, a crueldade, a violência, e mandava gozar a vida plenamente, sem atentar senão ao nosso próprio gosto, e sem respeitar nada do que à quase totalidade da gente parece respeitável e que outros filósofos, um Kant, um Comte, um Spencer, procuraram demonstrar respeitável.²⁷

O autor aprofunda a sua leitura sobre as recepções nietzschianas argumentando que tanto os seus adversários quanto os seus discípulos demonstram pouca ou nenhuma compreensão da sua filosofia. Ele se dedica a analisar o livro de Eugène de Roberty sobre Nietzsche, revelando mais elementos sobre como o seu pensamento foi acolhido. Posicionando-se como um crítico da “moda” nietzschiana, ressalta a dificuldade de emitir juízos avaliativos devido à “radical contradição” entre as interpretações disponíveis, que oscilam entre a oposição e a admiração, com os admiradores demonstrando pouca abertura ao debate crítico. Evidencia, então, os sentidos em disputas em torno da imagem autoral do filósofo. Lê-se:

Não temos, nós, vulgo ignaro, o direito de logicamente concluir que ela [a obra de Nietzsche] é de si mesma vaga, imprecisa, incoerente, contraditória, vária, inconsequente, e que, portanto, é justamente o oposto de toda concepção de mundo e de vida, que mereça o nome de uma filosofia.²⁸

O autor analisa o livro de Roberty, que segundo ele, busca um equilíbrio entre os críticos e os entusiastas de Nietzsche, mas pende para o lado dos admiradores. Isso o

27 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 19 jan. 1903.

28 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 19 jan. 1903.

impele a apresentar uma série de objeções aos temários nietzschianos, demonstrando incongruências na abordagem de Roberty. Encontramos, pois, outros lugares-comuns daquela recepção, como a falta de sistematicidade e a dimensão poética e ilógica das suas dissertações. Notamos dois elementos adicionais: o autor demonstra estar dialogando com germanistas franceses como Lichtenberger, Renouvier e Fouillée, que também se dedicam à obra do filósofo. Critica-se as abordagens que interpretam a filosofia nietzschiana a partir de perspectivas sociológicas, como a positivista, que a enquadra em categorias preexistentes, o que, segundo ele, envies a análises, pois Nietzsche deveria ser estudado em seus próprios termos. Essa crítica é relevante por acreditar que as suas ideias acabaram sendo interpretadas e movidas pela sociologia da época, perdendo a sua especificidade. Seria o caso de negar seu “egoísmo”, “individualismo” e “imoralismo cínico”, em favor de valores de um pensador “generosamente otimista e humano”, com “senso de progresso” e “aspiração por um mundo e humanidade melhores”, elementos próprios a uma visão sociológica evolucionista, mas que teriam sido negligenciados, para Eugène de Roberty, devido ao simbolismo e à “nebulosidade ofuscante de seu verbo de poeta”.²⁹

O crítico prossegue recuperando os argumentos de Roberty para, em seguida, questioná-los. Segundo ele, a filosofia de Nietzsche é um “protesto do instinto”, o que leva à aceitação de uma lógica interna. A “aristocratização da multidão” é vista por Roberty como um ideal, enquanto outros a interpretam como desprezo e ódio pelas “massas”. Nietzsche não seria “antidemocrata” e “antissocialista”, mas, sim, um socialista altruísta, mesmo que mandasse “sacrificar tudo o que parece digno de compaixão – uma compaixão que ele maltrata em violentas diatribes, o miserável, o fraco, o pobre, e com ele nosso senso de justiça, a nossa ideia de liberdade, o nosso sentimento de amor e de solidariedade humana”.³⁰ O modo como Roberty aborda a suspensão da dicotomia entre “bem” e “mal” também é problematizado por Veríssimo, dado que implica na recusa de elementos morais em prol da emergência de uma nova sociedade. O “pró-homem, como hipótese e símbolo” igualmente suscita dúvidas, uma vez que Roberty o associa à noção de perfectibilidade humana de Condorcet e à racionalidade de vida de Spinoza, enquanto Veríssimo o encontra em Emerson e Carlyle, podendo remontar a Horácio e Camões, que tinham “pouca estima pelo rebanho humano”.³¹ José Veríssimo não deixa, de qualquer maneira, de mencionar que essa “perfectibilidade” traz consigo a noção de natureza humana.

29 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 19 jan. 1903.

30 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 19 jan. 1903.

31 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 19 jan. 1903.

Sua análise reforça polarizações, especialmente considerando que o crítico foi um autor que se efetivou como referência e autoridade na crítica literária da época, tornando seus juízos relevantes para as comunidades leitoras do país. Essas contradições apontadas se desdobram ao longo do tempo, com acirramentos, nuances, recusas e adesões, podendo ser mais abrangentes em relação à obra do filósofo ou mais regionalizadas. A importância desse texto reside no fato de examinar aquele itinerário de leituras do momento, ao mesmo tempo em que dialoga com um comentarista europeu do filósofo a partir de elementos observados na cena local. Ele traduz uma parcela significativa das experiências de leitura daqueles contextos, mesmo que sob a sua perspectiva ou com base em estudos franceses, fator relevante devido à penetração, também controversa, desses comentadores entre os intérpretes brasileiros de Nietzsche.

A visão de que a obra de Nietzsche era amplamente presente e igualmente disputada também é localizada em um artigo de Leonardo Mascello, “A estética de Frederico Nietzsche”, publicado no *Jornal do Recife* em 1911. Para o autor, no entanto, a popularidade do filósofo não se devia à notabilidade do seu pensamento, às distinções estilísticas que o faziam ser considerado um “poeta” ou ser um “gênio universal”. Era o contrário que o fazia ser lembrado, mencionado e discutido, especificamente por ter “apregoadado ideias impossíveis, elucubrações monstruosas, paradoxos formidáveis e às vezes de uma crueldade brutal”.³² Apesar disso, o padre reconhece que havia “literatos” e “eróticos” que se entusiasmavam com a sua imagem e a sua obra, embora ele se posicionasse no campo dos seus adversários. Mascello se empenha em confrontar os ideários nietzschianos, especialmente nos campos estético e moral, recordando que ele possuía “discípulos”, “admiradores” e “turiferários”. O autor afirmou que poucos realmente o leram, ponderando sobre a noção de público e mencionando que autores com nomes difíceis, como Nietzsche, já eram sinais de erudição. Vejamos os seus argumentos:

Quando encontraram o nome de Frederico Nietzsche, esforçam-se para pronunciar uma ou duas vezes a palavra misteriosa e achando-a muito áspera e difícil fazem careta como quem mastiga uma fruta azeda e depois ficam na convicção de que se trata de um gênio muito árduo, descomunal e maravilhoso!³³

Problematizando as palavras do padre Mascello, se pode depreender dessa situação a afirmação de que a popularidade de Nietzsche também foi construída sem a leitura de fato das suas obras, sem o conhecimento das especificidades biográficas do autor e, em

32 MASCELLO, L. “A estética de Frederico Nietzsche”. *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 10 nov. 1911.

33 MASCELLO, L. “A estética de Frederico Nietzsche”. *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 10 nov. 1911.

grande parte, sem a contextualização adequada, o que, em seu entender, tornava frágeis as análises críticas e favorecia aquele acirramento de interpretações, dado que sem o amparo de recursos críticos, fazendo com que os posicionamentos fossem então pouco providos de racionalidade analítica.

O autor sugere que a citação de autores estrangeiros, como Nietzsche, funciona como um dispositivo para a construção de autoridade entre os escritores locais, sem que isso necessariamente implique um conhecimento detalhado das suas obras. Mascello sugere, dessa maneira, que esse processo contribuía para o amplo ecletismo teórico dos polígrafos, que frequentemente combinavam autores díspares ou com poucos pontos de contato dialógico. O seguinte trecho, marcado por uma franca ironia, ilustra parte da análise sobre o tema:

E assim o jovem crítico, rapaz intelectual e talentoso, que rabisca as suas impressões para o jornalismo indulgente, não deixa escapar ocasião nenhuma sem protestar a admiração para d'Annunzio, Wilde, Carlyle, Maeterlinck e Nietzsche, julgando com isto dar um valor sério extraordinário à sua prosinha.³⁴

Os intérpretes brasileiros de Nietzsche frequentemente refletem sobre a sua imagem e obra, gerando tensões e disputas sobre a relação entre essas duas instâncias. Ora encontra-se uma vinculação direta, ora as especificidades dos seus textos são analisadas de forma mais autonômica. Além disso, essas conexões entre imagem e obra são influenciadas pelas posições políticas dos comentadores brasileiros, resultando em depreciação ou elogio da imagem do filósofo, bem como em recusa ou aceitação dos seus escritos. Os comentadores brasileiros também selecionam o que consideram apropriado, não havendo um uso totalizante das ideias do filósofo. Era comum utilizar as suas reflexões para abordar temas específicos, combinando-as com outros registros de saber, mesmo que divergentes ou antagônicos às proposições de Nietzsche. A filosofia nietzschiana se fez presente nas culturas intelectuais brasileiras e em seus regimes de saber, embora seja necessário considerar elementos como a audição, a retórica e a leitura indireta através de comentadores, bem como o acesso fragmentado às suas ideias, por meio de recortes de aforismos, de frases difundidas e de apropriação por outros autores através de ensaios, romances e artigos de crítica literária ou de opinião que saíam com certa frequência na imprensa, onde a materialidade mesma do suporte oferecia as condições de possibilidade para as interpretações sobre o filósofo alemão, cada vez mais conhecido na cena brasileira.

34 MASCELLO, L. "A estética de Frederico Nietzsche". *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 10 nov. 1911.

Saber ler Nietzsche, um problema brasileiro

A presença de Nietzsche no cenário intelectual brasileiro é tão marcante que o anarquista Fábio Luz³⁵ compara os seus livros a “alcorões de novos credos”, evidenciando o caráter quase religioso da devoção de alguns leitores. Contudo, Luz alerta para a necessidade de uma educação filosófica para a compreensão das obras nietzschianas, consideradas complexas e repletas de simbolismos. Essa preocupação com a leitura adequada de Nietzsche também se manifesta no artigo de Leonardo Mascello,³⁶ que critica as incongruências nas interpretações disponíveis do filósofo. Mascello reconhece, em todo caso, em *A Origem da Tragédia* uma “continuidade harmônica de exposição ou de investigação”, demonstrando a busca por elementos de autoria que justificassem a apropriação das ideias nietzschianas. Lima Barreto³⁷ aponta, por sua vez, para as contradições dos temários do filósofo, destacando o grande descompasso entre as suas intenções e a sua recepção. A ausência de nitidez e de harmonia em suas abordagens contribui, em Barreto, para a variedade de interpretações e para a dificuldade de se estabelecer uma imagem autoral coesa do filósofo junto à vida intelectual brasileira.

Alguns intelectuais veem a filosofia nietzschiana como inautêntica, defendendo a necessidade de uma educação filosófica específica para compreendê-la melhor, o que leva a associá-la a outras áreas do conhecimento. Julio Erasmio (1893) argumenta que Nietzsche seria um mero reproduzidor de ideias antigas, combinando conceitos de filósofos gregos com escritores modernos, mas sem a pretensão de fundar escolas. Araripe Júnior compartilha em parte dessa visão, negando grande originalidade aos escritos nietzschianos. Em 1904, afirma que essa filosofia não passa de uma continuação do “programa do Fausto, de Goethe”.³⁸ A própria proposta de afirmação da vida, frequentemente atribuída a Nietzsche, é vista por Araripe Júnior como algo já presente em Shakespeare. Ao argumentar que o dramaturgo “exprime artisticamente o seu mistério”, ele então sugere que essa ideia já havia sido explorada “na época moderna” pelo “gênio do poeta de Stratford-upon-Avon”.³⁹ Essa visão da filosofia nietzschiana como uma espécie de colagem de ideias preexistentes evidencia a multidirecionalidade da recepção do filósofo no país. A busca por paralelos e por precedentes, ao mesmo

35 LUZ, F. “Elysio de Carvalho”. *Almanaque Garnier*. Rio de Janeiro, p. 295-296, 1907.

36 MASCELLO, L. “A estética de Frederico Nietzsche”. *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 10 nov. 1911.

37 BARRETO, L. “Estudos”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 out. 1920.

38 JÚNIOR, A. “O sentimento trágico do século XIX”. *Almanaque Garnier*, Rio de Janeiro, p. 1, 1904.

39 JÚNIOR, A. “O sentimento trágico do século XIX”. *Almanaque Garnier*, Rio de Janeiro, p. 1, 1904.

tempo em que se relativiza a originalidade de tal filosofia, demonstra o esforço dos intelectuais brasileiros em situar a obra nietzschiana no contexto das histórias da filosofia e da literatura ocidentais.

Vítor Viana, em seu artigo “O socialismo da beleza” (1911), propôs uma questão instigante: Nietzsche seria um utopista? A coluna, publicada nas páginas do *Jornal do Comércio*, aprofunda as discussões sobre os modos de ler e de atribuir autoria a Nietzsche, revelando novas camadas de complexidade na recepção do filósofo nos contextos nacionais. Consciente da natureza polêmica da sua pergunta, reconhece que a filosofia nietzschiana se mostra como um campo de debates acalorados, com estudos e interpretações antagonistas. Ele observa que cada novo comentador apresenta uma nova perspectiva sobre as suas ideias, com posições opostas buscando interpretá-las. Vítor Viana reforça, em todo caso, essa atmosfera de contradição, oscilando entre momentos de concordância e de discordância com o pensamento nietzschiano, em busca de uma posição própria que emergisse do diálogo com o filósofo.

O crítico, que não considera Nietzsche um filósofo *stricto sensu*, percebendo seu pensamento como incoerente, aproximando-o mais da figura de um moralista ou de um poeta. Ele expressa a sua visão da seguinte forma: “Suas críticas ferinas desmoram valores, mas não deixam material para novas construções. E seus lindos trechos são pura poesia”.⁴⁰ Viana estabelece uma conexão entre as ideias de Nietzsche e a sua saúde mental frágil. Os alvos preferenciais das críticas do pensador, na leitura de Viana, são o cristianismo e a política liberal inglesa. O primeiro foi responsabilizado pela promoção de uma moralidade submissa, enquanto o segundo foi visto como fonte de nivelamento social e de mediocridade. Ele destaca ainda a seguinte máxima de Nietzsche: “O dever moral de todo homem forte, consciente, é sentir que tudo, apesar de seus defeitos e falhas, tem um aspecto aproveitável e que a vida merece ser contemplada e é digna de ser sonhada”.⁴¹ A sua interpretação mostra a existência de posições extremadas, autoritárias, classistas e eugênicas na recepção do filósofo, o que contribui para o acirramento das tensões e das divergências. Consciente da natureza controversa do seu texto, Vítor Viana antecipa, parece possível argumentar, as polêmicas que ele suscitaria.

Nietzsche rejeitaria a moralidade cristã, defendendo o que ele entende como “espíritos criadores”. A tipologia da “moral dos senhores e dos escravos” é interpretada de forma abertamente literal, sem aprofundamento filosófico, resultando em expressões extremistas atribuídas à Nietzsche e a seus leitores: “a piedade nietzschiana é fortalecer o

40 VIANA, V. “O socialismo da beleza”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 65, 25 dez. 1911.

41 VIANA, V. “O socialismo da beleza”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 65, 25 dez. 1911.

forte, com o sacrifício do fraco, que veio ao mundo para servi-lo”.⁴² Viana critica o suposto apelo eugênico nas considerações sobre o “super-homem”, que ele interpreta como uma defesa da eliminação de tudo que não contribua para o seu surgimento, baseado na “seleção biológica”. Essa leitura, popularizada e endossada em diferentes frentes, levanta o temor da extinção da espécie. Viana reconhece que essas interpretações extremistas causam efeitos perlocutórios nos leitores, especialmente por serem associadas ao socialismo. Ele alerta para os usos políticos autoritários das ideias de Nietzsche, mas reconhece que elas encontram aprovação em diferentes círculos.

O artigo de 1911 evidencia a consciência de Vitor Viana sobre a radicalização das leituras autoritárias, racialistas e eugênicas de Nietzsche presentes no Brasil. Diante desse confronto de interpretações, ele se posiciona como um crítico dos usos políticos extremistas do filósofo e como um adversário intelectual das suas ideias. Vítor Viana reconhece, portanto, a polissemia das leituras de Nietzsche, criticando os seus efeitos políticos radicais. Ele argumenta que os livros do filósofo alemão, segundo os críticos que ele lê naquele momento, mas que de todo modo não menciona, são responsáveis pelo sentimento de mal-estar da época.

O articulista identifica, em todo caso, o que concebe como uma grande variedade de “Nietzsches”: socialistas, anarquistas, coletivistas, individualistas, otimistas, alegres, tristes, amantes da sociedade, inimigos do povo, enaltecedores da vida e propagadores do suicídio. “Há, afinal, Nietzsches de todos os gêneros e de todos os feitios”.⁴³ Essa recepção polissêmica, segundo a sua leitura, seria resultado do caráter paradoxal das máximas e conceitos nietzschianos e de seu “espírito desequilibrado”, que busca mais destruir do que construir. Contudo, sugere que os seus escritos necessitariam ser de fato lidos e refletidos, tendo em vista que na cena nacional não eram poucas as ambiguidades e contradições existentes e difundidas.

Em uma conferência de 1914, a romancista Albertina Bertha discorre extensamente sobre Nietzsche e sobre a sua imagem, um horizonte filosófico que permeia as suas atividades como intelectual e como escritora. A escolha do tema foi motivada pela percepção de que, apesar da ampla presença de Nietzsche nos debates brasileiros da época, o filósofo permanecia desconhecido devido às insuficiências interpretativas que geravam divergências. Desse modo, Bertha inicia a sua fala, publicada em *Estudos* (1920) posteriormente, com esta constatação:

42 VIANA, V. “O socialismo da beleza”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 65, 25 dez. 1911.

43 VIANA, V. “O socialismo da beleza”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 65, 25 dez. 1911.

Escolhi justamente Frederico Nietzsche para meu tema, por ter certeza de que, apesar de ser ele o filósofo genial do século, ainda se conserva mui pouco conhecido no nosso meio. Quantas vezes meus ouvidos hão sido feridos por críticas descabidas, oriundas da ignorância total dos seus trabalhos.⁴⁴

A escritora argumenta que a crítica carece de procedimentos analíticos adequados para abordar os textos nietzschianos, resultando em equívocos e no acirramento das disputas em torno da recepção do filósofo. Bertha ressalta que Nietzsche escreve para um público especializado em Filosofia, exigindo recursos analíticos específicos para evitar a deturpação das suas ideias. Ela utiliza expressões com carga epistemológica, como “grandes disciplinas especulativas”, “vasta convivência com as leituras metafísicas” e “hábitos de erudito”⁴⁵ para descrever os desafios da leitura e da compreensão de Nietzsche. Sugere que a leitura do pensador seria mais adequada para indivíduos com experiência de vida, desaconselhando-a para jovens com opiniões em formação. Uma das advertências de Bertha diz respeito à forma da obra de Nietzsche, reconhecendo que o filósofo não elabora um sistema de saber, o que não representa um problema para ela. Observa que essa característica da sua obra leva os seus leitores a abordá-la de modo fragmentado, dificultando a análise e a compreensão do seu conjunto. Apesar da sua heterogeneidade, Albertina Bertha defende a análise das suas ideias a partir do conjunto dos seus textos, rejeitando leituras que desconsiderassem o todo.

Em 1917, a revista paulista *Vida Moderna* publica um excerto de uma carta escrita por Saul Maia abordando a filosofia nietzschiana. Embora a data da correspondência e seu destinatário permaneçam desconhecidos, o interesse de Maia por Nietzsche se concentra na capacidade do filósofo de questionar o pensamento de matriz dogmática e as crenças estabelecidas, abrindo espaço para a reflexão individual. Consciente da disputa em torno da imagem de Nietzsche, sugere que o problema reside na deficiência dos modos de interpretação do filósofo, passando pelo conhecimento do idioma alemão. Ele critica a insuficiência das traduções disponíveis e defende a necessidade de um estudo cuidadoso dos originais nietzschianos, alertando para as transposições mecânicas das suas ideias para os âmbitos político e social, que resultam na formação de uma “inteligentocracia”. A solução para as tensões em torno da sua imagem reside na promoção de um distanciamento entre o contexto de produção dos textos do filósofo e a atualidade, apelando para a “neutralidade” como forma de interpretar as suas ideias em seu tempo. Ele propõe que os receptores de Nietzsche se colocassem

44 BERTHA, A. “Nietzsche”. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 139-161, 2015. p. 139.

45 BERTHA, A. “Nietzsche”. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 139-161, 2015. p. 139.

“absolutamente neutros, assexuais, amorfos quase esquecendo assim os degraus de comparação existentes no mundo atual, donde se extraíram os citados valores sociais e sociológicos”.⁴⁶ Maia acredita que a neutralidade é o modo de compreender Nietzsche em seus termos, reduzindo as disputas intelectuais, defendendo a necessidade de conhecer o idioma alemão e ler Nietzsche em seu contexto – forma de criticar os anacronismos daqueles que faziam usos políticos e sociais das suas ideias. Ao apresentar o seu parecer posiciona-se diante das disputas de recepção, descrevendo o pensamento do filósofo como “claro, espontâneo, vigoroso, sadio – ele é quase símbolo de saúde do espírito – límpido e convincente”.⁴⁷

A dificuldade de “saber ler Nietzsche” indica o desafio que os letrados e as letradas enfrentaram diante da pluralidade de imagens que circulavam em sua recepção, a busca por paralelos e por precedentes e a constante tensão entre a apropriação e a crítica, que evidencia a luta para situar Nietzsche naquele contexto intelectual. A aberta polissemia nas recepções das suas ideias, aliada à sua escrita aforística e à ausência de um sistema filosófico propriamente dogmático, contribui para a formação da imagem de um “Nietzsche brasileiro”, multifacetado e controverso, retratando os dilemas que marcam o seu acolhimento naquela vida letrada.

Nietzsche, um incompreendido

Na recepção brasileira de Nietzsche, marcada por controvérsias e por interpretações díspares, um autor anônimo elabora uma análise da imagem do filósofo utilizando como base a obra *Ecce Homo*, interpretada como um livro autobiográfico. Esse autor anônimo destaca que Nietzsche escreve *Ecce Homo* em poucas semanas, estando em um estado febril e já acometido por problemas mentais. Ele menciona que Nietzsche sofre com a incompreensão dos seus contemporâneos, resultado do “desacordo entre a grandeza do seu problema e a insuficiência dos seus contemporâneos”.⁴⁸ Alguns aspectos da interpretação desse comentador anônimo são relevantes para compreendermos mais elementos sobre a montagem das imagens do filósofo. A prática de utilizar comentadores sem citá-los indica uma leitura indireta de Nietzsche ou um conhecimento da sua obra através da audição. Essa questão, embora problemática do ponto de vista da história da recepção, indica a forma como as suas ideias circulam. A ideia de Nietzsche como um incompreendido apresenta-se como

46 MAIA, Saul. “Nietzsche”. *Vida moderna*, São Paulo, 1917. p. 1.

47 MAIA, Saul. “Nietzsche”. *Vida moderna*, São Paulo, 1917. p. 1.

48 ANÔNIMO. “Ecce Homo”. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 1, 22 ago. 1909.

uma tópica. O anônimo argumenta que essa incompreensão se deve à inacessibilidade do seu pensamento para as formas de pensar predominantes, sugerindo que *Ecce Homo* serve como um guia para a compreensão da obra nietzschiana, oferecendo suplementos que amenizam aquela incompreensão generalizada, e argumentando que Nietzsche escreveu esse livro para se fazer compreendido e para antecipar as controvérsias que a sua obra ainda causaria.

Ao se apresentar como “*Ecce Homo*”, Nietzsche busca, segundo o autor anônimo, oferecer um contraponto às interpretações equivocadas da sua filosofia. O filósofo é retratado como um ser excepcional, distante das virtudes convencionais, especialmente da moralidade do bem e do mal, que constitui o seu projeto. Essa imagem é reforçada pela afirmação de que ele prefere a companhia dos sátiros ao convívio com os santos. Essas categorizações metafóricas não apenas moldam as imagens nietzschianas, mas revelam vestígios da leitura (ouvir). O uso de um vocabulário presente nos seus livros, como “destruidor de ídolos” e “acima do mundo material”, reforça tópicos da recepção que arbitram sobre as leituras consideradas falhas.⁴⁹

Elysio de Carvalho, comentador que dialoga com Nietzsche em diversos momentos de sua trajetória intelectual, o concebe como incompreendido. Seu artigo esclarece as suas ideias para o público, servindo como crítica preparatória para o acesso aos seus temários. Contudo, as suas análises são marcadas por muitos exageros, como descrever as performances intelectuais de Nietzsche como um “espetáculo magnífico” ou proclamá-lo como o “maior filósofo de todos os tempos”, cuja obra seria um “facho luminoso”.⁵⁰ O objetivo de Carvalho é tornar os seus escritos mais acessíveis, procurando desmistificar a aura de incompreensão que os cercam. Ele busca tornar Nietzsche, em suas palavras, menos “desorbitado”, aproximando as suas ideias do “pensar e do sentir comum” do público brasileiro, através de uma pretensa crítica justa.

A conferência de Albertina Bertha também se dedica a suavizar as arestas das suas recepções, defendendo o uso de recursos críticos e hermenêuticos como forma de orientar a incompreensão em torno do filósofo. Ao analisar a sua obra, Bertha reconhece que ela “não obedece a sistemas, não tem ordem, não é catalogada”. Essas características formais não invalidam as suas reflexões, mas, ao contrário, reforçam a sua força filosófica. Bertha defende a necessidade de uma abertura de entendimento, propondo que os textos de Nietzsche sejam analisados em suas especificidades, e não como desvio das tradições dogmáticas e tratadísticas. Essa abordagem permitiria a assimilação da historicidade dos seus temários e a verificação de outros protocolos de

49 ANÔNIMO. “*Ecce Homo*”. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 1, 22 ago. 1909.

50 CARVALHO, E. “Trágica história de um criador de valores”. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 115-125, 2015.

autoridade. Esses elementos, segundo a escritora, são capazes de tornar Nietzsche menos incompreendido, concedendo-lhe, conseqüentemente, o lugar que merece, qual seja, o de “filósofo genial do século” e “pensador profundo e admirável”.⁵¹

Heraldo Barbuy adota, em um artigo dos anos 1940, uma abordagem distinta, buscando explicar a incompreensão da obra de Nietzsche através da suposta contradição entre sua biografia e os seus escritos, o que não é uma novidade nas histórias da sua recepção. O articulista afirma que Nietzsche jamais teve piedade de si mesmo, dedicando-se a combater a história, a moral, a rotina e aqueles que ele denomina como “pregadores da morte”, em uma crítica ao misticismo. No entanto, Barbuy argumenta que Nietzsche, consciente ou inconscientemente, torna-se um místico. Interpretando as ideias do pensador alemão com forte apelo literal, ele aponta para contradições como o elogio à violência por um homem de saúde frágil, o ataque à humanidade por um ser afável e solitário, o apreço pela aristocracia por um homem de poucos recursos e o choro ao ler a Bíblia por um autoproclamado anticristo. Barbuy sintetiza a sua visão da seguinte forma: “Todavia compreendida demais para que pudessem compreendê-lo; não teve mulher, nem filhos, nem amor, nem pátria, nesse sossego, nem religião, exceto a de si mesmo; e com ela o seu desespero e a sua loucura”.⁵² Ele destaca a linguagem de onipotência presente em *Ecce Homo*, onde se mostra como um destruidor de mundos. Ao contrário de outros comentadores que buscam esclarecer as incompreensões sobre Nietzsche através da sua filosofia, Heraldo Barbuy utiliza a sua biografia para fortalecer os vetos e os interditos à sua obra, vista como portadora de ideias danosas e a serem combatidas.

Em suma, parte das recepções de Nietzsche é marcada pela tensão entre a busca por compreensão e a resistência à sua obra. A imagem do “incompreendido” filósofo alemão, construída e desconstruída ao longo dos tempos, revela as complexidades do acolhimento de um pensador que desafia as convenções filosóficas e culturais da sua época. Estes temários revelam um problema central presente nesse processo, qual seja, a persistente ideia de Nietzsche como um pensador que transcende a compreensão dos seus contemporâneos. Essa imagem, presente em seus comentadores brasileiros, também é responsável pelas dificuldades da sua assimilação junto à vida letrada nacional, repercutindo tentativas que enfatizam a necessidade de acuradas leituras metódicas tanto para melhor compreendê-lo quanto para rejeitá-lo.

51 BERTHA, A. “Nietzsche”. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 139-161, 2015. p. 139.

52 BARBUY, H. “Nietzsche”. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 11, 1 maio 1940.

Desdobramentos de uma imagem: gênio, legislador e poeta

Elysio de Carvalho descreve a genialidade de Nietzsche como um verdadeiro estado de “arrebatemento”, condição que, então, o distingue da sociedade e ressalta a sua originalidade no âmbito do pensamento e da sensibilidade. A noção de genialidade, muito utilizada para caracterizar a sua produção filosófica não apenas no Brasil, abrange aspectos positivos, como a criatividade, e, em um juízo de época, negativos, como a associação à loucura. Argumenta-se que a sua genialidade o singulariza até mesmo etnicamente, afastando-o da sociedade não apenas por sua dificuldade de classificação, mas também por um autoexílio, incompreensão entre seus contemporâneos e até mesmo discriminação. Nas palavras de Carvalho:

Os gênios, seres segregados da humanidade e sequestrados do convívio social, colocados fora do sentir e do pensar comum, produtos de uma ignorada evolução étnica, força da natureza cujo impulso da sociedade, instintivamente desejosa de estabilidade, evita a todo transe, gravitam sobre si mesmo e ninguém conhece as leis desses desorbitados, planetas que se tornam sóis.⁵³

Para Elysio de Carvalho, Nietzsche, “a mais fina sensibilidade oitocentista”, é um indivíduo de vontade prodigiosa e inteligência singular, cuja genialidade se manifesta em momentos de “vertigem”. O caráter encomiástico da sua descrição se evidencia deste modo:

Nietzsche foi como o Prometeu das velhas fábulas pelágicas, que depois de escalar o Olimpo, ficou vivendo a vida da dor eterna e da eterna edificação. A loucura foi o rochedo do suplício, foi o Cáucaso desse titã dos tempos modernos, a mandar para o mundo o seu clamor e a espantar a nossa consciência no momento de morrer como um herói esquiliano, soberbo semideus ferido em seu orgulho.⁵⁴

A comoção causada por sua morte na França é testemunhada por Xavier Coelho, que relata o seguinte: “A sua morte causou uma dor profunda a todos os homens que pensam no novo e no velho mundo”.⁵⁵ Coelho descreve o filósofo alemão como um “paradoxal criador de imagens e de ideias”, destacando a sua celebração do “ultra-hundin”, o homem do futuro, superior à humanidade atual. Apesar da defesa de uma filosofia individualista em obras como *Aurora*, Nietzsche, segundo a crítica de Xavier

53 CARVALHO, E. “O louco de Röcken”. *Brazil moderno*, Rio de Janeiro, p. 1, 1906.

54 CARVALHO, E. “O louco de Röcken”. *Brazil moderno*, Rio de Janeiro, p. 1, 1906.

55 COELHO, X. “Nietzsche e a França”. *Jornal de Recife*, Recife, p. 1, 6 out. 1906.

Coelho, almeja, pois, ao todo um desenvolvimento coletivo da humanidade. O articulista ressalta a admiração de Nietzsche pela cultura francesa, o seu desprezo pela política de Bismarck e a sua rejeição ao antissemitismo. Essa leitura, que ganha ainda mais relevância durante as décadas de 1930 e 1940, apresenta um Nietzsche distante de qualquer forma de autoritarismo ou de totalitarismo.

Veiga Lima vê, por sua vez, nos livros de Nietzsche a abordagem de um filósofo errante com “alguma projeção luminosa de estesia”. As suas concepções filosóficas indicam “força criativa”, alinhando-se à ideia do filósofo legislador, imagem conhecida no Brasil à época. Mas há nessa leitura uma visão evolucionista aplicada à “luta pela vida”, que intui modificar as formas de pensar e de agir através das “leis da consciência individual” superando o “mecanismo inerte do material”. A inteligência é importante na busca pela eficiência do ser: “Pensar é aproximar do mistério uma interpretação relativa”.⁵⁶ Nietzsche seria um pensador e esteta preocupado com o “problema obscuro da vida”, derivando uma imagem eugênica.

Em 1920, um anônimo reforça a tradição de interpretar Nietzsche como um poeta, e não como um filósofo. O autor se refere a Nietzsche como o “desventurado alemão” e o caracteriza como um “poeta do paganismo”, evidenciando mais algumas imagens que circulam à época. O texto enfatiza que a obra de Nietzsche se mostra essencialmente poética, com seus conceitos expressos em registros metafóricos. A poesia, segundo o autor, precede o pensamento, servindo como suporte ou se entrelaçando em uma “dialética de ilogismo patognômico”. A noção de ilogismo parece crucial para distanciá-lo da filosofia *stricto sensu*, que, nesse contexto, é entendida como uma atividade estritamente racionalizadora. O artigo anônimo em questão salienta que os escritos de Nietzsche não procedem “dos fatos particulares, pesados, racionados e medidos, para atingir o pensamento generalizado”.⁵⁷ Mas essa descrição não parece lhe incomodar, estando Nietzsche vinculado a uma nova maneira filosofar (auto)legisladora.

A imagem montada de Nietzsche na vida intelectual brasileira desdobra-se em gênio, legislador e poeta, que continuamente desafia leitores/as e estudiosos/as, convidando-os/as a refletir, em alguma direção, sobre os limites da existência e as possibilidades de criação.

56 LIMA, C. V. “Nietzsche contra Schopenhauer”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 6, 14 jan. 1912.

57 ANÔNIMO. “O super-homem arrivista”. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, p. 14, 11 dez. 1920.

Um filósofo errante em combates com Schopenhauer

Em 1900, outro autor anônimo descreve as ideias de Nietzsche como uma combinação de “pessimismo” e de “otimismo”, interpretando-as como um diagnóstico da enfermidade de uma época. Utilizando a tipologia da moral dos senhores e dos escravos, argumenta que ele vê a sociedade predominante sob a ótica da moral dos escravos, caracterizada pela passividade dogmática. A sua imagem vincula-se a um mundo marcado pelo “sombrio mal da vida”.⁵⁸ O anônimo questiona quem não se sentiria tocado por essa interpelação, sugerindo que Nietzsche anunciaria a decadência da civilização com a diminuição do “entusiasmo organicamente vital” e com “caminhar lento e preguiçoso” da cultura, anunciando um tempo de niilismo.⁵⁹ Argumenta-se que o Brasil não está imune a essa decadência, estendida desde a modernidade renascentista até a atualidade, marcada pela oposição entre afirmadores e negadores da vida. Em face desse diagnóstico sobre a sua contemporaneidade teria se retirado erraticamente do convívio social formalizado, tornando-se um viajante não apenas em busca de melhores ares para a sua debilitada saúde, mas para encontrar-se consigo mesmo e com as suas ideias.

A vida errante de Nietzsche, vista como consequência da sua busca pela afirmação em oposição ao mundo decadente e nivelado moralmente, moldara sua reflexão, percebida como experimental e marcada por súbitas mudanças de itinerário. A sua escrita tida como não dogmática gera espanto, sendo associada a distúrbios mentais e ao uso de entorpecentes. Julio Erasmio descreve Nietzsche como “doido varrido”, atribuindo às suas crises mentais ao “abuso de narcóticos”.⁶⁰ A sobrecarga de trabalho mental também é apontada como causa do seu sofrimento psíquico. A imagem de sonhador, com conotações negativas e positivas, acompanha o seu nome. As contradições, exageros, incongruências e inconstância são atribuídas à sua relação com a filosofia de Schopenhauer, especialmente no que diz respeito ao elogio da vida em contraste com o ascetismo daquele que foi uma das suas referências intelectuais. João Ribeiro⁶¹ conecta forma, conteúdo e vida na filosofia de Nietzsche. A escrita de aforismos em pequenos cadernos foi associada à sua errância, com os “lampejos” de Nietzsche sendo compilados em anotações durante as suas viagens. O padre Leonardo Mascello corrobora com essa imagem, afirmando que Nietzsche, durante as suas muitas

58 ANÔNIMO. “Frederico Nietzsche”. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 1, 25 set. 1900.

59 ANÔNIMO. “Frederico Nietzsche”. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 1, 25 set. 1900.

60 ERASMO, J. “O neo-cinismo”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 maio 1893.

61 RIBEIRO, J. “Frederico Nietzsche”. *Almanaque Garnier*, Rio de Janeiro, 1904.

andanças pelo continente europeu, “não encontrava sossego em parte alguma e mudava facilmente de vida e de ideias”.⁶²

Desse modo, diferentes percepções brasileiras apontam para a relação entre a sua vida errática e o seu modo de pensar, com um âmbito reforçando o outro. As relações de apropriação e de suspeita em relação às ideias de Schopenhauer, especialmente no que diz respeito à questão dos alcances e das propriedades da noção de “vontade”, são destacadas como um fator explicativo para as complexas relações entre a biografia e a obra de Nietzsche.

Na visão de Olívio Montenegro, Nietzsche se percebe como um predestinado, absorvido por suas próprias ideias e intolerante ao erro, características que acusam a sua personalidade. Destaca a precocidade da carreira acadêmica de Nietzsche e o seu encontro com o pensamento de Schopenhauer, que influencia significativamente a sua reflexão e o seu estilo de vida errático:

E seu espírito lança-se à corrente da vida para vencê-la, para domesticá-la, para levá-la nos peitos, e não mais para nela se debater como um pobre náufrago. E então começa Nietzsche sublimando ‘vontade de poder’ e ‘mundo como representação’ em ‘vontade de poder’.⁶³

O crítico traça um paralelo entre Schopenhauer e Nietzsche, destacando a diferença na concepção da vontade. Para Schopenhauer, desejo e vontade se relacionam como presa e predador, com a vontade incapaz de satisfazer o desejo, resultando em dor. Nietzsche, por outro lado, via a vontade como sublimação do desejo e do instinto: “para este ‘a vontade de viver quanto mais ativa mais sacrificada pela dor; em Nietzsche a dor é que exalta, multiplica a vontade de poder. Não é uma provocação é um incitamento’”.⁶⁴ Observa a crítica de Nietzsche aos idealismos especulativos, como as categorias kantianas e o espírito absoluto hegeliano. Nietzsche, reagindo ao “idealismo abstrato e vago”, buscava diálogos propositivos com o saber concreto. A filosofia nietzschiana, com seus elementos psicológicos, valoriza a intuição e a ação, a alegria em vez do medo de viver. A aproximação entre os dois pensadores era comum, com análises sobre a recepção do segundo pelo primeiro. Montenegro assinala que Nietzsche não adere ao pessimismo de Schopenhauer, contrapondo o filósofo da “passividade budista” ao da “ação intempestiva”. Essa visão impacta não apenas a obra de Nietzsche,

62 MASCELLO, L. “A estética de Frederico Nietzsche”. *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 10 nov. 1911.

63 MONTENEGRO, O. “Um predestinado”. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 16 fev. 1947.

64 MONTENEGRO, O. “Um predestinado”. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 16 fev. 1947.

mas também o seu estilo de vida considerado errático, visto como uma busca pela intensidade da vida.

Longe, portanto, de uma imagem estática, Nietzsche emerge também como um filósofo errante entre as percepções dos públicos locais, tanto em sua vida quanto em seu pensamento, constantemente em combate com as ideias do seu predecessor, Schopenhauer. A errância de Nietzsche, tanto pessoal quanto intelectual, é montada como uma busca dirigida à afirmação da vida, em oposição à decadência e ao niilismo que ele diagnostica em sua época. Essa busca o leva, então, a romper com o dogmatismo e a trilhar um caminho próprio, marcado por mudanças de itinerário de vida e por uma escrita experimental que desafia as convenções filosóficas.

Nietzsche e as consequências do seu individualismo

Veríssimo⁶⁵ observa que o caráter pessoal daquela filosofia convida os intelectuais, mas gera rejeição. As suas “teorias exóticas do individualismo” são criticadas como “egoísmo sublimado do anarquismo transviado” por Fábio Luz.⁶⁶ São consideradas “deletérias” e “perniciosas” por Julio Erasmio,⁶⁷ que figura o filósofo como “individualista”, criador do “amoralismo” e chefe do “neocinismo”. Alguns intelectuais da passagem para o século XX veem Nietzsche alguém a ser combatido em razão da sua exaltação do indivíduo e da sua revalorização de valores não aceitos pela moral vigente.⁶⁸ Erasmio diz que os seus argumentos são “deprimentes” e “perturbadores da ordem moral”.⁶⁹ A sua filosofia do mais forte foi considerada desumana e antissocial por um anônimo em 1920, que critica a ausência de “sentimentos que reforçam a associação”, vendo em suas ideias “qualidades dominadoras”.

O padre Mascello descreve o pensamento de Nietzsche como “crueldade brutal”.⁷⁰ Já Lima Barreto, que admite ter “ojeriza pessoal” pelo filósofo, declara em 1920 que ele promove a “brutalidade”, o “cinismo”, a “amoralidade”, a “inumanidade” e a “duplicidade”, vendo a sua filosofia como uma expressão da “burguesia rapinante” – um “apelo à violência, à força”, com “desprezo pelo refreamento moral, pela bondade,

65 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1903.

66 LUZ, F. “Elysio de Carvalho”. *Almanaque Garnier*. Rio de Janeiro, 1907.

67 ERASMO, J. “O neo-cinismo”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 maio 1893.

68 DETONI, V. S. “*Mal-estar da História no Brasil: Friedrich Nietzsche e o desejo de superação do regime historiográfico oitocentista na Primeira República*”. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó, 2016.

69 ERASMO, J. “O neo-cinismo”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 maio 1893.

70 MASCELLO, L. “A estética de Frederico Nietzsche”. *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 10 nov. 1911.

pela caridade, pela piedade e até pelo amor”.⁷¹ Lima Barreto a considera, além disso, como “catecismo da burguesia dirigente”, atraindo “banqueiros e industriais que trepidam em reduzir à miséria milhares de pessoas, e engendrar guerras, para ganhar alguns milhões mais”. O escritor chega até mesmo a culpar Nietzsche pela Grande Guerra, vendo a sua obra como “causadora do flagelo que sendo a guerra de 1914”.⁷²

Veríssimo⁷³ e Ribeiro⁷⁴ criticaram o “egoísmo” de Nietzsche e a sua oposição à “solidariedade humana”. Buscam, pois, emendar críticas tidas como “justas e razoáveis”. Por isso Veríssimo vê Nietzsche como diferente dos “egoístas e gozadores”, mas critica a sua divisão do mundo em senhores e fracos, bem como a sua condenação das consideradas “vulgares concepções de virtude” e exaltação do “egoísmo, dureza, crueldade e violência”.⁷⁵ Pondera, então, sobre o seu “aspecto cruel, egoísta, cínico”, vendo-o como um “apressamento para a realização do bem”, um otimista que, paradoxalmente, “odeia profundamente o presente, e que por amor do futuro, como o imagina, condenaria a piedade e o amor”.⁷⁶

Enquanto isso, Elysio de Carvalho monta a imagem de Nietzsche como um indivíduo único, um “sol”, cuja filosofia afirma a individualidade. A morte de Nietzsche, vista como trágica, o torna um ícone, reforçando a relação entre vida e obra. “A tragicidade em sua vida precipita-se num abismo de desespero tão escuro como luminosa, era a chama que lhe devorara o cérebro”.⁷⁷ Mariano D’Aragona (1931) observa, décadas depois, que apesar da adoração por muitos intérpretes, ninguém aplicou as teorias de Nietzsche às “causas espirituais e da alma”. Ele figura Nietzsche como um desafio a Deus e à imortalidade da alma, com seu elogio do “Eu” fomentando o saber, a justiça e o equilíbrio. Mas ele se opôs a rejeição de Nietzsche à ideia de que “nosso planeta é somente uma ‘parada’ das tantas infinitas que conduzem a outros mundos mais sábios e iluminados”, tornando complexo os sentidos das suas recepções.⁷⁸

Parte da montagem da imagem de Nietzsche no Brasil é marcada por intensas críticas ao seu dito individualismo, visto como egoísta, “amoral” e até perigoso. As consequências desse individualismo, interpretadas como apologia à violência e à

71 BARRETO, L. “Estudos”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 out. 1920.

72 BARRETO, L. “Estudos”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 out. 1920.

73 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1903.

74 RIBEIRO, J. “Frederico Nietzsche”. *Almanaque Garnier*, Rio de Janeiro, 1904.

75 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1903.

76 VERÍSSIMO, J. “Um Nietzsche diferente”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1903.

77 CARVALHO, E. “O louco de Röcken”. *Brazil moderno*, Rio de Janeiro, p. 1, 1906.

78 D’ARAGONA, M. “A sombra de Nietzsche”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p. 11, 4 ago. 1931.

desigualdade, geram forte rejeição em diversos intelectuais brasileiros, que veem na filosofia nietzschiana uma ameaça à ordem moral e social. No entanto, é importante notar que nem todos os comentadores compartilham dessa visão negativa. Elysio de Carvalho, por exemplo, via o individualismo de Nietzsche como uma força afirmativa, uma busca pela singularidade e pela superação dos limites humanos. Por outro lado, D’Aragona critica o individualismo do filósofo alemão sob uma perspectiva espiritualista, vendo-o como um desafio a Deus e à imortalidade da alma. Essa crítica considera a exaltação do “Eu” nietzschiana como uma ameaça à harmonia universal e à “família celestial”. A visão sobre o seu individualismo é bastante controversa: alguns o criticam por associá-lo ao egoísmo e à violência, outros o admiram por sua defesa da autenticidade e superação moral.

O artista da vontade de poder e do amor à vida

Em 1915, Oswald de Andrade, em um artigo anterior à sua expressa vinculação aos movimentos modernistas de vanguarda que passavam a circular no país, descreve Nietzsche como um “tipo raro”. Essa leitura o coloca mais como um artista do pensamento do que como um filósofo propriamente dito, assimilando positivamente a sua obra como um “grande desvario”. Oswald argumenta que Nietzsche propõe, através de temas humanos e sobre-humanos, a exaltação do “indivíduo forte”, afirmador da existência e do seu “aparato vital”. A sua apropriação da filosofia nietzschiana encontra-se condensada na seguinte citação:

No mais, queda pela eternidade – *Oh éternité tu es la femme de qui je voudrais avoir un enfant!* E a grande resolução de aceitar a imutável sucessão dos anéis como triunfador e como sacerdote de Dionísio, mascarado pelo espírito da tragédia, estátua dessa era grega que plantava a serenidade à porta das catástrofes esquilianas – tudo isso, meu caro, variações de música sobre assuntos enormes. Eis Nietzsche, e a grandeza de Nietzsche como artista”.⁷⁹

Nietzsche acreditaria, em sua leitura, ter encontrado na arte a resposta para suas questões mais inquietantes, pois ela trazia em si a “justificação do universo”, permitindo abordá-lo enquanto um fenômeno estético. Ao contemplar as visões libertadoras da arte, a “vontade desdenhava os próprios sofrimentos”. É interessante observar o entendimento dos comentaristas brasileiros sobre as apropriações que

79 ANDRADE, O. “A propósito de ‘Amor imortal’. Carta aberta a José Antonio Nogueira”. *O Pirralho*, São Paulo, p. 4, 1915.

Nietzsche fez de Schopenhauer. No entanto, a esfera artística também o “iludia”, levando-o a clamar pelo saber como fórmula para escapar do pessimismo. A conjugação entre o “dionisíaco” e o “apolíneo” se faz, então, presente. Haveria, ademais, um terceiro movimento de conhecimento no Nietzsche mais tardio, quando ele fez a crítica radical da existência, na medida em que ela não podia oferecer nenhuma regra de vida. A vida devia ser vivida não de outra forma do que alegremente, aponta Oswald Andrade.

Um autor anônimo, em 1916, exalta Nietzsche no jornal *O País*, pedindo a sua “glória” em seu aniversário de morte, quando completa 72 anos. Adverte os seus leitores que o amor pela vida é o mote da filosofia nietzschiana. Disse que dos antepassados cristãos herda a noção de “luta contra si”. Seu problema filosófico é este: quais os meios possíveis, admitindo premissas da filosofia de Schopenhauer, para repelir as conclusões que negam a vontade de viver?⁸⁰ É uma leitura que incorpora alguma faceta própria ao ascetismo em suas reflexões, porém, mais no sentido do autodomínio do que de negação das paixões.

A fuga do pessimismo só seria possível por um esforço “heroico” de imaginação e vontade, algo que podemos compreender como a criação de outras formas de encarar a realidade fática. Essas considerações de outro autor anônimo reforçam que esse seria o caminho do “super-homem”. Daí a “cultura da energia” se transformar, conseqüentemente, no princípio de toda uma nova escala moral. As noções cristãs de piedade e resignação, bem como a ideia moderna de igualdade, de caráter liberal, seriam valores aos quais Nietzsche se contrapunha com a “vontade de poder”, fundando sobre esse princípio uma ética do individual, da diferença, e uma política aristocrática, desafiando a massificação política.⁸¹

As imagens de Nietzsche no Brasil, no início do século XX, também são montadas através da ênfase em sua dimensão artística e de amor à afirmação da vida. Os autores analisados, como Oswald de Andrade e os dois articulistas anônimos, destacam a imagem de Nietzsche como um exemplo de artista da vida, como um criador de realidades outras e como um celebrante da vontade de poder. Essa perspectiva, que se distancia de certa imagem de Nietzsche como um filósofo sistemático, ressalta, em todo caso, a força criativa da sua obra e a sua capacidade de inspirar e de transformar a existência. A ideia de Nietzsche como um “tipo raro”, um “grande desvario”, um “poeta do paganismo” evidencia a fascinação que a sua imagem tendeu a exercer sobre os intelectuais brasileiros da época. A exaltação do “indivíduo forte”, do “amor à vida” e

80 ANÔNIMO. “Nietzsche e o gênio francês”. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, p. 2, 15 abr. 1916.

81 ANÔNIMO. “Pela glória de Frederico Nietzsche”. *O País*, p. 2, 11 jul. 1926.

da “vontade de poder” reflete parte substantiva das imagens nietzschianas que são montadas, tendo em vista a circulação e, também, o seu consumo.

Imagens de Nietzsche em contextos políticos extremados

Zaura (1936) descreve Nietzsche como um pensador direcionado à ação aristocrática, vendo em seu *Zarathustra* um apelo à autossuperação individual. Interpreta o filósofo alemão como um revolucionário em seu tempo, argumentando “contra a avalanche socialista que avoluma dia a dia seus olhos desdenhosos”.⁸² A leitura política de Zaura enfatiza a aristocratização social, contrapondo-se à “massa” e aos preceitos socialistas, abrindo caminho para a discussão sobre os sentidos públicos da sua obra em um momento de totalitarismos.

Edmundo Muniz pergunta-se sobre os significados das ideias de Nietzsche diante do “panorama social do seu tempo”. Uma das primeiras características da sua filosofia seria a volubilidade, uma disposição intelectual contraditória, dado que ela não impõe uma maneira única e rígida de filosofar, além de dialogar com diferentes fontes da filosofia ocidental europeia.

Nietzsche, numa ansiedade em limites, movido pelo insaciável desejo de superar o próprio conhecimento, vai de casa em casa, de leito em leito, como um sedutor incorrigível, possuído cada dia uma ideia nova com o requintado orgulho de quem viola uma virgindade”.⁸³

Muniz sublinha que o filósofo estava sendo, naquele contexto, disputado por “uma cultura reacionária” e por uma “cultura inovadora”, não sendo difícil encontrar usos políticos por parte de ambas: “A todo o momento, muito dos seus conceitos são aproveitados habilmente para justificarem o regime totalitário”.⁸⁴ Em sua visão, Nietzsche era um anarco-individualista. Nada mais incoerente, adverte, seria localizá-lo entre aquelas culturas. Ele é, de acordo com este intérprete, um romântico retardatário, revoltado com o mundo que vivia. “Tornou-se um vigoroso negativista, um destruidor sem compaixão, um inimigo sistemático de todos os valores existentes”.⁸⁵ Seria um

82 ZAURA. “Nietzsche”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 20 mar. 1936.

83 MUNIZ, E. “Nietzsche”. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 1, 1941.

84 MUNIZ, E. “Nietzsche”. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 1, 1941. Luis Rubira também se dedicou ao estudo das apropriações totalitárias de Nietzsche no Brasil. Recomendamos a leitura do seguinte trabalho, pioneiro no âmbito da historiografia sobre a recepção do filósofo no país: RUBIRA, L. “Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional-socialismo ao Grande Reich Alemão”. *Cadernos Nietzsche*, v. 37, n. 3, p. 18-64, 2016.

85 MUNIZ, E. “Nietzsche”. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 1, 1941.

grande erro ajustar a filosofia de Nietzsche ao mundo contemporâneo totalitário, pois seu individualismo e o seu heroísmo entraram em colisão com o militarismo. O autor argumenta que ele problematiza o Estado, a moral e a religião dominantes. A emancipação deveria ser realizada pelo próprio indivíduo. Considera Nietzsche como um utópico decadente e um super-individualista, incapaz de resolver os grandes problemas da humanidade, mas certamente um autor que politicamente não se alinhava a qualquer forma de nacionalismo.

Pedro Lafayette questiona se Nietzsche é de “esquerda” ou de “direita”, observando que “todos os contendores encontrarão, sempre nos textos da obra nietzschiana, uma soma apreciável de argumentos em favor das atitudes que adotarem nesse prélio”.⁸⁶ Conclui que Nietzsche é puramente nietzschiano, cuja genialidade impede seu enquadramento sectário, destacando a força da sua filosofia em sua “espontaneidade” e “desordem” calculada.⁸⁷ Já Luis Vidal, pseudônimo de Edmund Muniz, aborda Nietzsche através da lógica política, desmistificando seus usos pelo nazifacismo. Vidal observa que:

Nietzsche é endeusado por alguns partidários de Hitler, por isso não deixa de merecer a admiração e os louvores de homens como Henrich Mann e Stefan Zweig, inimigos do nazismo e pregadores da democracia.⁸⁸

Mas Renato Almeida reflete sobre o filósofo no centenário do seu nascimento, divergindo dessas considerações. Ele reforça as apropriações de Nietzsche pelo nazismo, sugerindo que “essa moral pregada por Nietzsche não pode ser mantida exclusivamente pelas energias individuais, que acabam por se baralhar e se confundir, mas tem de ser garantida pelas forças de assalto e pelos gabinetes de tortura da gestapo”.⁸⁹ Almeida insiste que Nietzsche corrobora com a “teoria germanista” da força, prevendo que “a sua essência repugnar os homens do futuro”.⁹⁰ Algo negado por Edmundo Muniz como Luis Vidal, que admite que o seu grande ideal é a liberdade. O filósofo procurou libertar a si próprio e os outros. Combateria, então, o Estado, a religião, a moral e todos os elementos de opressão. O super-homem era a sua ideia de sujeito livre, “daí a estima que ele goza no ciclo dos escritores progressistas”.⁹¹

86 LAFAYETTE, P. “As tendências políticas de Nietzsche”. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 40, 1942.

87 LAFAYETTE, P. “As tendências políticas de Nietzsche”. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 40, 1942.

88 VIDAL, L. “As ideias de Nietzsche”. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 8, 1943.

89 ALMEIDA, R. “Frederico Nietzsche”. *A Manhã*, p. 4, 15 out. 1944.

90 ALMEIDA, R. “Frederico Nietzsche”. *A Manhã*, p. 4, 15 out. 1944.

Em 1944, por ocasião do centenário do seu nascimento, um autor anônimo se propôs a analisar a trajetória do filósofo e suas possíveis relações com o plano político do contexto da época, oferecendo uma perspectiva bastante crítica. Para esse intérprete, a filosofia nietzschiana emerge de um pensador “infeliz”, marcado pela falta de reconhecimento intelectual em vida e por um trágico fim decorrente de sua debilidade mental. Essa frustração o levaria a um profundo orgulho ferido, manifestado em queixas amargas sobre uma suposta “conspiração do silêncio” organizada contra seu gênio. Embora reconheça alguma notoriedade de Nietzsche na América, o autor critica as apropriações realizadas como superficiais ou ideológicas, lamentando o surgimento de “indivíduos medíocres” que se autodenominavam nietzschianos e deturpavam a sua obra. O exemplo mais contundente dessa problemática apropriação estava na possibilidade de a Alemanha nazista, em seus últimos momentos, comemorar o aniversário do seu centenário. Para o autor anônimo, essa seria a maior das “fraudes” perpetradas contra o pensamento do filósofo, reforçando a crítica aos usos políticos e ideológicos da sua obra. Em suma, este texto de 1944 enfatiza como a filosofia nietzschiana foi submetida a interpretações seletivas e instrumentalizadas para fins fracamente político-totalitários, culminando na repulsiva apropriação pelo regime nazista, alertando para os perigos da deturpação do seu pensamento.⁹²

Considerações finais

O que temos diante de nós são imagens de Nietzsche que estão dispostas, como sugere George Didi-Huberman,⁹³ em modo de imaginação e montagem. A leitora e o leitor encontram neste texto um arquivo de imagens heterogêneas, que reflete e informa a polissemia própria às recepções do filósofo no Brasil, sendo por isso mesmo “difícil de dominar, de organizar e de entender, precisamente porque seu labirinto é feito de intervalos e lacunas tanto como de coisas observáveis”. É uma espécie de tentativa de arqueologia das recepções, apresentando-se como uma tentativa de dispor “sobrevivências” de leituras por meio de traços heterogêneos e anacrônicos, dado que vem de lugares separados e estão desunidos em lacunas, sendo que exatamente daí emerge o caráter de montagem imaginativa implicado no trabalho.

O método da montagem recobra a historicidade das imagens autorais de Nietzsche no Brasil sem que nos situemos a partir de uma “teleologia”, tendo em vista que

91 VIDAL, L. “As ideias de Nietzsche”. *Carioca*, Rio de Janeiro, p. 8, 1943.

92 ANÔNIMO. “Recordando Nietzsche”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 out. 1944.

93 DIDI-HUBERMAN, G. “Quando as imagens tocam o real”. *Pós*, v. 2, n. 4, p. 204-219, 2012. p. 211.

desejamos, em outro compasso, tornar novamente legíveis, na medida do possível, “sobrevivências”, “anacronismos” e “encontros de temporalidades”. É, de certo modo, a renúncia a “contar uma história” – não se tratando de a recepção de Nietzsche, mas de recortes sobre as suas recepções, sempre no plural e pressionando as complexidades temporais, avançando, desse modo, através de uma arqueologia que deseja alcançar os “pontilhados do destino” desse movimento.

Percebemos que a obra de Nietzsche não se move “incondicionada”, como se existisse por si só agindo sobre os seus públicos dispensando explicações. Isso implica que um escritor qualquer desempenha sempre um papel social.⁹⁴ Além disso, a leitura não se desenvolve em uma só direção ou por extensão. Ela assume, sendo o fator que nos leva à montagem das variadas imagens de Nietzsche, “formas diferentes entre diferentes grupos em diferentes épocas”.⁹⁵ Os artigos sobre a filosofia nietzschiana organizam e estruturam horizontes de audiência, repercutindo o que foi considerado relevante pelos leitores, ou melhor dizendo, demonstrando a relatividade dessas escolhas, que admite aquilo que se entende como significativo e expressivo, que é por onde se confirma a variedade de públicos e, logo, se evidencia as direções pelas quais se deu o acolhimento das suas ideias, em que se destacam preferências e tendências, além de marcar demandas e expectativas situadas.

Localizamos tanto a fixação das suas imagens autorais quanto as formas de legibilidade emprestadas às mesmas. Nessa arqueologia acompanhamos a sua recepção através de diferentes públicos, envolvendo a constituição de variados regimes de apropriação por onde os seus textos ganharam sentidos.

94 CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 82.

95 DARNTON, R. “História da Leitura”. BURKE, P. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1989. p. 212.